

# O ESPÍRITO, FORTIFICADOR DA AÇÃO SALVADORA DE JESUS NA IGREJA

Prof. Dr. César Teixeira\*  
Antonio Wardison\*\*

## RESUMO

*O espírito é a terceira pessoa da santíssima trindade. É a trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. As argumentações que decorrem dessa certeza dogmática, no presente estudo, têm como escopo destacar o papel do espírito na salvação que vem de Deus. O elemento articulador dessa salvação na história é Jesus Cristo, cujo testemunho continua na Igreja, e nela, é atualizado pelo ato litúrgico-sacramental, a celebração. O espírito fortifica a ação salvadora porque tal ação, imbuída desse mesmo espírito não perde, na história, nas culturas e nas religiões o seu vigor para gerar, do princípio ao fim, vida, liberdade e amor. Fonte inesgotável de suprema existência para os seres humanos.*

**Palavras-chave:** *Espírito. Igreja. Salvação. Missão.*

## ABSTRACT

*The Spirit is the third person of the Holy Trinity. It is the trinity of Father, of Son and Holy Spirit. The arguments that flow from this dogmatic certainty, in this study highlight the role and scope of the spirit in the salvation that comes from God. The articulating element in the history of salvation is Jesus Christ, whose testimony continues in the Church and it is updated by the liturgical and sacramental act. The Spirit strengthens the saving action because such action, imbued with this same spirit, not lose, in history, in cultures and in religions their force to generate, from beginning to end, life, liberty and love. Source endless supreme of existence to the humans beings.*

**Keywords:** *Spirit. Church. Salvation. Mission.*

\* Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino de Roma, onde defendeu a tese sobre a importância da mesa de refeição no anúncio da traição em Mc 14,17-21. Atualmente, é professor e diretor adjunto da Faculdade de Teologia da PUC-SP, onde leciona Sagrada Escritura.

\*\* Antonio Wardison Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Especialista em Psicopedagogia, Filosofia existencial e Catequese. Licenciado em Filosofia e bacharel em Teologia.

## INTRODUÇÃO

Na origem da história da salvação está a ação de Deus, como manifestação constante de salvar o homem. Deus, após comunicar seu desejo de salvação aos patriarcas e profetas, cumpre plenamente seu desígnio salvador ao enviar seu Filho, como portador do Reino.

O Espírito, por sua vez, cumpre a função de fortificar e atualizar este propósito soteriológico que fora comunicado aos apóstolos e, por conseguinte, a todo povo de Deus, a Igreja nascente. Ora, a Igreja está imersa nesse mistério, porque este dom foi dado a ela por efusão do Espírito de Deus.

A Igreja, por alcançar essa salvação que vem de Deus, em Cristo, no Espírito, assume a missão de ser portadora dessa salvação, ou seja, de prolongar a missão salvadora de Deus na história. Assim, a Igreja na história, se autocompreende como continuadora da salvação; sacramento de Deus para atuar seu plano salvador; memória celebrativa deste ato soteriológico; e autoconsciente da amplitude do mistério salvador de Deus no mundo.

O objetivo da presente pesquisa, além do exposto acima, é sublinhar a ação do espírito que está presente na salvação que vem de Deus, no testemunho de seu Filho Jesus Cristo, na Igreja, na história e para além dela. Percebe-se, portanto, que o espírito, do princípio ao fim, está em tudo aquilo que Deus realiza na pessoa de Jesus, testemunhada e celebrada na Igreja.

## 1. CONTINUIDADE DA MISSÃO SALVADORA DE JESUS NA IGREJA

A Igreja se desenvolve e torna-se fecunda à medida que testemunha sua fé no Jesus morto e ressuscitado. A consequência deste testemunho é a perseguição. No entanto, o Espírito carrega-se de sustentar os primeiros cristãos e de fomentar o crescimento da Igreja nascente. Para Lucas, a experiência da presença contínua do Espírito é fruto da oração: “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem!” (Lc 11,12). Em Atos (4,24-31), Lucas relata a oração dos apóstolos na perseguição: eles suplicam a Deus a obtenção da assistência para poderem anunciar a palavra. “A comunidade aparece aqui associada a Jesus no sofrimento. As confabulações

dos reis e das nações contra o unguido de Deus (Sl 2,1-2) cumprem-se em Jesus e se prolongam na Igreja de Jerusalém”.<sup>1</sup>

Depois da oração, pentecostes é atualizado e a pregação realizada pelos discípulos: “Tendo eles assim orado, tremeu o lugar onde se achavam reunidos. E todos ficaram repletos do Espírito Santo, continuando a anunciar com intrepidez a palavra de Deus” (At 2,31). Dessa forma, desenvolvia-se o discurso querigmático e a oração dos discípulos. A Igreja, então, crescia na autenticidade e no testemunho. Nesta perspectiva, três momentos importantes resumem a vida da Igreja nascente.

Em primeiro, como os cristãos não tinham rescindido com o templo (At 2,46; 3,1; 5,12), sentiam-se parte integrante de Israel, e suas esperanças se completavam em Jesus. Aos poucos Israel (quer dizer, aqueles adeptos à verdade cristã) encontra um novo significado para o seu templo: a salvação em Jesus. E como os apóstolos cumpriam a missão de ensinar no templo, parecia confirmar este significado. Uma nova forma de culto é inserida na prática de oração dos cristãos: a celebração eucarística como festejo em torno do partir o pão (At 2,42.46; 20,7-2). Assim, em referência à ceia pascal, “os Evangelhos incluem o gesto da fração em todas as multiplicações dos pães (p. ex. Mc 6,41; Jo 6,12; etc.). O simbolismo está claro”.<sup>2</sup> Também, nas celebrações, incluía-se orações e o espírito de comunhão entre todos (At 2,44; 4,32.34; Lc 11,41; 12,33; 18,22; 19,8).

Em segundo, identifica-se a realização do espírito de comunhão entre os cristãos e o desprendimento dos bens (com Bartolomeu, At 4,36s, e Ananias e Safira, At 5,1-11). A tentativa de Lucas é descrever o espírito de comunhão que reinava entre os cristãos e alimentar a força deste ideal, como uma meta a ser considerada e alcançada. A pretensão de Lucas, com isso, não é descrever a prática de um grupo seletivo, como se tivesse assumido a pobreza, mas acentuar a prática da pobreza para todos os discípulos de Jesus, como ideal de vida cristã, a exemplo de Jesus pobre. Dessa forma, o cristão poderia se aproximar desse ideal e construir uma Igreja segundo os traços do Salvador.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> CROATTO, J. S. *História da Salvação*, p. 321.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 322.

<sup>3</sup> Cf. CROATTO, J. S. *História da Salvação*, p. 322-323.

Em terceiro, como relatado em Atos (5,12-16), a Igreja, na pessoa dos apóstolos, atuava com poder, como sinal autêntico do Reino e de Jesus. “Nisto a Igreja aparece novamente como continuadora da obra de Jesus”.<sup>4</sup> A Igreja vai se expandindo e conformando-se ao desígnio de Jesus: “Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos” (At 2,47); “E a palavra de Deus crescia. O número dos discípulos multiplicava-se enormemente em Jerusalém, e considerável grupo de sacerdotes obedecia à fé” (At 6,7).

Este crescimento, da Igreja nascente, é regido pela dinâmica do Espírito de Deus. “Também nisso, a Igreja dos Atos deve ser o tipo exemplar para todos os tempos. Se o desígnio salvífico de Deus só continua por meio dela, não pode ser de outra maneira”.<sup>5</sup> A vida da Igreja como vida no Espírito, está, particularmente, descrita em Lucas, Atos e Paulo: no primeiro, sublinha-se o papel do Espírito como irradiação universal de salvação; no segundo, o Espírito de Jesus como princípio de amor e unidade entre os homens e com Deus; no terceiro, o Espírito como princípio pessoal da comunhão da Igreja, entre seus membros e com o Pai.<sup>6</sup>

Fundamentalmente, o Espírito sustenta a Igreja e sua missão:<sup>7</sup> “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8). Como atesta a *Lumen Gentium*, Jesus deu início à Igreja ao anunciar o Reino. Depois de sua morte e ressurreição, enviou o Espírito sobre os seus discípulos. Dessa forma, a Igreja desenvolveu-se pelos dons do seu fundador. Ela recebeu a missão de anunciar e promover o Reino a todos os povos. “Constitui, pois, a Igreja, o germe e o início do reino

<sup>4</sup> Ibid., p. 323.

<sup>5</sup> Ibid., p. 323.

<sup>6</sup> Cf. CODA, Piero. *O Espírito Santo e o Mistério da Igreja*. In: *A Igreja no seu mistério*. (trad.) Olivo Cesca. São Paulo: Cidade Nova, 1984, p. 181-182.

<sup>7</sup> *O motivo da missão* é o amor de Deus por todos os homens, pois ele deseja que os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. *Os caminhos da missão* são fortalecidos pelo Espírito Santo. É ele o protagonista de toda missão eclesial. Esta missão cumpre a tarefa do próprio Jesus: chamado a evangelizar os pobres. Pois, assim como Jesus realizou a obra da salvação na pobreza e na perseguição, também a Igreja é convidada a fazer a mesma experiência, na tentativa de comunicar à humanidade o dom da salvação. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000, n. 850-753.

na terra. Enquanto vai crescendo, aspira de todo coração pela consumação do Reino e deseja, com todas as suas forças, unir-se a seu rei na glória”.<sup>8</sup>

Portanto, a missão da Igreja está fundada na pessoa de Jesus Cristo. Ele veio para anunciar o Reino, um mundo de justiça e de paz, de solidariedade; assim como revelar o próprio Deus ao homem e, com isso, seu amor, sua misericórdia; como também, restaurar todas as coisas, ser sinal de vida, sal e luz, liberdade e compaixão. A Igreja assume como sua esta missão de Jesus. Dessa forma, ela, no Espírito de Deus, tem a missão de ser portadora do amor de Deus a todos os homens, veículo de salvação, instrumento de redenção, promotora do reino e da santificação.<sup>9</sup>

Neste sentido é possível afirmar, e legítimo, que a salvação acontece *in Ecclesiam*, porque ela, a Igreja, expressa aquilo que ela é: sinal de íntima união com Deus e com o humano, quer dizer, “como espaço onde se manifesta a graça vitoriosa de Cristo, zona de expansão da plenitude divina, ‘multidão reunida pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo’”.<sup>10</sup> Não obstante, é necessário, nesta perspectiva, conceber que a Igreja não é fonte de salvação, mas veículo, *per Ecclesiam*. Somente Deus, pela graça de sua gratuidade, em Cristo, na ação do Espírito, confere e é fonte de salvação ao homem.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> PAULO VI. *Lumen Gentium*, n. 5. “A categoria teológica da história da salvação foi uma das que presidiram a reflexão do Concílio Vaticano II. Ele prescreveu que, na revisão dos estudos eclesiológicos, ‘se atenda principalmente a que as disciplinas filosóficas e teológicas se coordenem melhor e concorram de modo harmônico para que à mente dos alunos se abra mais e mais ao Mistério de Cristo, que atinge toda a história do gênero humano’”. LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão*, p. 112.

<sup>9</sup> Cf. KLOPPENBURG, Boaventura. *A Eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 84-85.

<sup>10</sup> BOROBIÓ, Dionísio (org.). *A Celebração na Igreja - Liturgia e sacramentologia fundamental*. 2. ed. V. 2. São Paulo: Loyola, 2002, p. 111.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 111. O Concílio Vaticano II, ao pensar a natureza da Igreja, superou uma eclesiologia fundada no axioma *Extra Ecclesiam nulla salus*. Ao contrário, o Vaticano II compreendeu a Igreja como sinal de salvação no mundo. Com isso, sublinhou a inserção da Igreja na história da salvação, como comunidade regida pelo Espírito, a fim de salvar o homem: “a categoria de sinal des-substancializa a Igreja, historicizando-a, inserindo-a dentro do jogo dos sinais históricos”. LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: Em busca de uma primeira compreensão*, p. 111. Este pensamento trás uma desafiadora implicância para a Igreja atual: requer questionar-se sobre sua qualidade de sinal no mundo, assim como pelo alcance desse sinal na sociedade humana. “Em termos eclesiais, coloca a Igreja em sua situação ‘relativa’ e nunca absoluta. Todo o seu sentido vem do mistério salvífico de que é sinal”. *Ibid.*, p. 112.

## 2. A IGREJA COMO SACRAMENTO DE DEUS NA OBRA DE SALVAÇÃO

A existência da Igreja é fruto da atitude fundamental de Jesus: Deus-homem que vem ao mundo para anunciar o Reino e, por isso, salvar a humanidade. Toda a história de Jesus é marcada na sua condição corpórea, social, política e cultural. E tudo que dele emana, constrói a Igreja e, por ser sinal do próprio Deus, ela é sacramento de Deus na obra de salvação.

Na qualidade de sacramento universal de salvação ela é a forma histórica e social da vontade de Deus a fim de fazer a Criação chegar a seu alvo em Deus. Dessa forma, também os atos fundamentais da Igreja, pregação, culto e diaconia, se apresentam sob nova luz.<sup>12</sup>

É Deus que, por sua iniciativa, constrói uma Igreja-sacramento, porque, tudo que nela existe, testemunha o Filho, no Espírito, que convoca toda a humanidade a assumir a vida do Salvador, que é Jesus Cristo: “o que se proclama afinal é a existência de Cristo, sua atitude fundamental, e também a existência dos cristãos que buscam viver essa mesma atitude. Está criada a comunidade como sujeito coletivo do evento salvífico acontecendo”.<sup>13</sup>

A igreja irá comunicar a realidade de Jesus por uma linguagem e atitude próprias da experiência de fé da comunidade dos crentes. Esta comunicação caracterizará a identidade da Igreja. Ainda mais, a comunicação da Igreja se dará por símbolos, gestos, imagens, ritos, práticas e doutrinas, ou seja, tudo aquilo que pode, a partir de uma experiência de fé, comunicar o próprio Cristo: “a linguagem simbólica da fé procura declarar o mistério, o desígnio do Pai que quer salvar todos os homens, ‘disposição livre e misteriosa de sua sabedoria e bondade’”.<sup>14</sup> Aqueles que aderem a esta comunicação, transformam a própria vida, pois aderem à realidade Jesus e, com isso, a proposta do salvador. “Desse modo, a comunicação da experiência salvífica é um ato performativo,<sup>15</sup> que não só afirma uma verdade, mas provoca uma nova realidade”.<sup>16</sup>

<sup>12</sup> SCHNIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática* (V II), p. 84.

<sup>13</sup> MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*, p. 232.

<sup>14</sup> SCHOUVER, Pierre. *A Igreja e a Missão*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 74.

<sup>15</sup> Grifo nosso.

<sup>16</sup> MIRANDA, op. cit., p. 233.

Por isso a Igreja é sacramento de Deus, sacramento universal de salvação. Como afirma a *Lumen Gentium*,<sup>17</sup> Cristo é a luz dos povos e sua luz, ao refletir na face da Igreja, ilumina todos os povos. Por isso ela, a Igreja, é sacramento universal de salvação,<sup>18</sup> sinal real de Cristo,<sup>19</sup> instrumento da união íntima entre Deus e o homem. Não obstante, ela é não somente instrumento, mas, propriamente, comunhão íntima com Cristo.<sup>20</sup> Ele, ao ressuscitar, atrai para si todos os homens e envia os apóstolos em missão para constituir uma comunidade, que é Igreja. Neste mesmo sentido afirma a *Gaudium et Spes*:

Ao ajudar o mundo e recebendo dele ao mesmo tempo muitas coisas, o único fim da Igreja é o advento do Reino de Deus e o estabelecimento da salvação de todo o gênero humano. E todo o bem que o povo de Deus pode prestar à família dos homens durante o tempo da sua peregrinação terrena deriva do fato que a Igreja é 'o sacramento universal da salvação', manifestando e atuando simultaneamente o mistério do amor de Deus pelos homens.<sup>21</sup>

Da mesma forma, afirma o documento conciliar *Ad Gentes*:<sup>22</sup> "a Igreja, enviada por Deus a todas as gentes para ser 'sacramento universal de salvação [...] procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens". Cabe, à Igreja, ser testemunha do Evangelho, pois no seu coração reside Jesus Cristo vivo e atuante. Por ser serviço pleno para a humanidade, ela é sacramento, ou seja, sinal real e visível de salvação. Ela não existe em função de si mesma, mas por causa do anúncio do Reino. "Portanto, sinal

<sup>17</sup> Cf. PAULO VI. *Lumen Gentium*, n. 1.

<sup>18</sup> Cf. *Ibid.*, n. 48.

<sup>19</sup> "O termo 'sacramento', emprestado à teologia dos sacramentos particulares (os sete sacramentos), define aqui a Igreja inteiramente como 'sinal eficaz', e recebe ao mesmo tempo a densidade do seu emprego cristão original: significa o mistério de Deus, seu amor salvífico, obscuramente visível na palavra e no agir da Igreja. SCHOUVER, Pierre. *A Igreja e a Missão*, p. 75.

<sup>20</sup> Cf. SCHOUVER, Pierre. *A Igreja e a Missão*, p. 90.

<sup>21</sup> PAULO VI. *Gaudium et Spes*. Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje (07.09.1965). In: Vaticano II: Mensagens, discursos, Documentos. São Paulo: Paulinas, 1998, n. 45.

<sup>22</sup> *Id.* *Ad gentes*. Decreto sobre a atividade missionária da Igreja (07.12.1965). In: Vaticano II: Mensagens, discursos, Documentos. São Paulo: Paulinas, 1998, n. 1.

que não só remete ao Reino, que virá em plenitude, mas sinal do Reino que já é uma realidade atual”.<sup>23</sup> Nesta perspectiva,

Afirmar que a Igreja é “o sacramento universal da salvação” (LG 48), é dizer que o amor universal do Pai está realmente presente e atuante na comunidade cristã, mas que ao mesmo tempo ela continua sendo “mistério”: ele não foi capitalizado pela Igreja, jamais foi plenamente colhido ou expresso por ela. Para tornar-se mais universal, a Igreja precisa sempre escutar e retornar à fonte do amor. Ela não é uma organização estática, reflexo de Deus que seria Ideia, Ordem eterna e imutável. O sacramento não é simplesmente uma espécie de cópia em imagem, mais ou menos perfeita, de uma realidade invisível, a realidade invisível é um desígnio, uma vontade livre, que se revela na medida em que transfigura e orienta as liberdades humanas. A Igreja-sacramento é um povo de peregrinos (LG 7,8,48...) cujo maior bem é aquele que não possui senão na esperança e que lhe dá forças para avançar. Ela é essencialmente missionária; não seria mais Igreja, sacramento universal de salvação, se não estivesse sempre à escuta de novos apelos para brilhar mais e mais ao longe.<sup>24</sup>

E para a Igreja exprimir o seu mistério e sua missão, unida a Cristo, pelo Pai, no Espírito, o Concílio Vaticano II utilizou a imagem do corpo (no sentido da teologia paulina): este corpo é constituído por seus membros, o que revela a diversidade dos dons, onde Cristo é a cabeça. Esta diversidade se prescreve numa unidade. Este corpo é dinâmico e harmonioso; Cristo, com seu espírito, sustenta esta realidade sacramental. Enquanto corpo de Cristo, a Igreja é sacramento porque exala a benevolência de Deus para a humanidade, “por isso a forma do sinal que a Igreja é não pode assumir uma forma qualquer. Ela está marcada pelo condicionamento histórico daquele a quem ela deve representar na história”.<sup>25</sup> Dessa forma, de acordo com o Concílio Vaticano II, a Igreja é visível e espiritual. É visível porque se constitui como uma sociedade organizada, enraizada na história; espiritual porque transcende a sua condição histórica, no tempo, e alcança Cristo, em Deus, no Espírito.

<sup>23</sup> MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*, p. 233.

<sup>24</sup> SCHOUVER, Pierre. *A Igreja e a Missão*, p. 75.

<sup>25</sup> SCHNIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática* (V I), p. 91.



Há também de considerar três aspectos fundamentais que comportam a sacramentalidade da Igreja: a redenção, a criação e a consumação. A primeira consiste no seguimento da proto-imagem da salvação divina, da forma como ela se concretizou na história; a segunda, quando a ação social do homem, numa atitude de liberdade adquire nova presença histórica e social; a terceira, pela abertura do homem para a chegada definitiva de Deus no mundo e na história.<sup>26</sup>

### **3. VIVÊNCIA LITÚRGICO-SACRAMENTAL COMO CHAMADO À SALVAÇÃO**

A vivência litúrgico-sacramental proporciona a imersão no mistério de salvação de Jesus, acontecida uma vez por todas e para toda a humanidade. Pela graça sacramental, Deus continua salvar o seu povo. Por sua vez, a Igreja, ao celebrar os mistérios de Jesus, na sua prática celebrativo-sacramental,<sup>27</sup> atualiza este dom de salvação em Jesus Cristo, pelo Espírito. Ora, “Cristo é o ‘proto-sacramento’, ou o ‘sacramento original’ que torna visíveis, de modo supremo, o amor e a graça de Deus”,<sup>28</sup> ou seja, Cristo é o sacramento de Deus, e toda ação sacramental deve ser entendida a partir do Filho.

O ponto de partida para a celebração do mistério central de Jesus é a fé. Ela aproxima o homem do mistério de salvação de Deus, operado plenamente em Cristo. Na celebração deste evento, Deus vai ao encontro do homem, e este se direciona a Ele. Este encontro com Deus possibilita a imersão do homem na vida de Cristo. “Depois da resposta de fé começa

<sup>26</sup> Cf. SCHOUVER, op. cit., p. 95.

<sup>27</sup> “A liturgia é considerada como exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens [...] Por isso toda celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote e do seu corpo, que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência”. PAULO VI. *Sacrosanctum Concilium*. Constituição Dogmática sobre a Sagrada Liturgia (04.12.1963). In *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, n. 7.

<sup>28</sup> Cf. BOROBIO, Dionisio (Org.). *A Celebração na Igreja - Liturgia e sacramentologia fundamental*. V 1. São Paulo: Loyola, 1993, p. 298. “O sacramento não recebe sua força da obra humana, da sábia direção de uma celebração litúrgica, ou da santidade das pessoas participantes de uma celebração, e, sim, do agir redentor de Deus em Cristo”. SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de dogmática* (Vol. II), p. 201.

a realizar-se em nós o mistério pascal. Daí tido o valor do querigma, que é a proclamação do fato salvífico de Cristo”.<sup>29</sup>

Ora, na celebração atualiza-se o mistério da criação “através da qual se indica que tudo foi criado por Deus mediante o Logos e tudo é re-criado por Deus na força do Espírito (a criatura é ‘lógica’ e ‘pneumática’).<sup>30</sup> Como também “atualiza-se a estrutura trinitária da economia de salvação, pela qual cremos que tudo procede do amor e da iniciativa de Deus Pai, que cumpre os seus planos pela salvação de Cristo e continua a realizá-los em nós pela força do Espírito”.<sup>31</sup> Com isso, afirma-se que a celebração dos mistérios de Deus contempla a Trindade, em toda sua realidade e mistério, pois “tudo vem de Deus, por Cristo e no Espírito; e tudo volta a Deus a partir de nós, pela celebração sacramental, por Cristo e no Espírito”.<sup>32</sup> O mistério trinitário, celebrado, conduz à sua centralidade: o mistério pascal e, por isso, toca no profundo do mistério de salvação:

A liturgia e, portanto, os sacramentos devem ser entendidos como parte integrante da história salvífica, de tal modo que, sendo o último momento dessa história, não podem ser senão a autodoação e pre-sentificação da graça divina salvadora, com vistas a uma santificação pessoal e a uma promoção dessa história, a partir da situação pessoal e eclesial concreta. Os sacramentos são a continuidade, a atualização, a manifestação, a realização e aplicação da historia salutis, isto é, do encontro salvador de graça entre Deus e o homem através da história. E isso quer dizer que a graça do sacramento tem duas vertentes: a) a imersão participativa e transformadora nessa história que continuamos a fazer ao longo de toda a nossa vida, mas sobretudo nos sacramentos; b) a participação na própria graça salvadora, que Deus sempre comunicou ao seu povo e que supõe a sua presença viva – e, na atual economia, a realização da salvação em Cristo. A

<sup>29</sup> CROATTO, J. S. *História da Salvação*, p. 372.

<sup>30</sup> BOROPIO, op. cit., p. 391.

<sup>31</sup> BOROPIO, Dionisio. *A Celebração da Igreja – Liturgia e Sacramentologia Fundamental (I)*, p. 391.

<sup>32</sup> Ibid., p. 392. “Cremos e confessamos trinitariamente a nossa fé; louvamos e oramos a Deus trinitariamente; cultuamos e comemoramos o mistério da salvação de modo trinitário; aceitamos a graça de Deus ou o seu ‘estar aí para nós’ transformando-nos trinitariamente, isto é, renovando-nos no Espírito, unindo-nos na salvação de Cristo e amando-nos pelo amor do Pai”. Ibid., p. 392.

graça sacramental é, pois, uma graça histórica, mas uma graça cristológica, porque procede de Cristo e porque é significada pelos símbolos plenos da novidade salvadora de Cristo.<sup>33</sup>

Neste mesmo sentido, afirma a *Sacrosanctum Concilium* que a obra de salvação continuada pela Igreja realiza-se na liturgia. Pois Cristo, como enviado do Pai, também enviou os seus apóstolos a fim de anunciarem o Evangelho e realizarem, por meio dos sacrifícios e sacramentos, sua obra de salvação:

Assim pelo batismo os homens são inseridos pelo mistério pascal de Cristo: com ele mortos, sepultados, e ressuscitados; recebem o espírito de adoção de filhos, “no qual chamam: ‘Abba, Pai’” (Rm 8,15), e se tornam assim verdadeiros adoradores que o Pai procura. Do mesmo modo, toda vez que comem a ceia do Senhor, anunciam a sua morte até que venha. Por esse motivo, no próprio dia de Pentecostes, no qual a Igreja se manifestou ao mundo, “os que receberam a palavra” de Pedro “foram batizados”. E “perseveraram na doutrina dos apóstolos, e na comum fração do pão e na oração... louvando a Deus e sendo bem vistos por todo o povo” (At 2,41-47). Desde então, a Igreja jamais deixou de se reunir para celebrar o mistério pascal: lendo “tudo quanto nas Escrituras a ele se referia” (Lc 24,27), celebrando a eucaristia na qual “se representa a vitória e o triunfo de sua morte” e, ao mesmo tempo, dando graças “a Deus pelo seu dom inefável” (2Cor 9,15) em Cristo Jesus, “para louvor de sua glória” (Ef 1,12) por virtude do Espírito Santo.<sup>34</sup>

Nesta perspectiva, a vivência sacramental evoca a celebração da páscoa do Senhor: “em cada sacramento, a páscoa acontece porque o Senhor passa para nos comunicar vida e comunhão. Toda a realidade de Cristo resume-se no seu mistério pascal”.<sup>35</sup> Nela, na páscoa, se aglutina toda a história de salvação, isto porque a páscoa: é o centro da história de salvação; origem e núcleo da graça, salvação e justificação do homem;

<sup>33</sup> Ibid., p. 392. “Todos os sacramento se referem ao mistério pascal, mas o batismo e a eucaristia, mais do que os outros, mostram que a condição essencial do cristão é tender para a ressurreição.” CROATTO, J. S. *História da Salvação*, p. 377.

<sup>34</sup> *Sacrosanctum Concilium*, n. 6.

<sup>35</sup> JUNIOR, Joviano de Lima. *Celebrar com o coração e a vida: a liturgia do povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 83.

fonte da sacramentalidade da Igreja, assim como, dos sacramentos por ela instituídos, que realizam essa salvação; é o que caracteriza todo o rito e celebração litúrgica. Por isso, a graça dos sacramentos e de toda sua realidade sacramental tem sua atualização na celebração do mistério pascal de Cristo, motor que impulsiona a Igreja continuar sua missão: ser portadora de salvação para a humanidade, que é a missão de Jesus.

A graça pascal, realizada em Jesus, no Espírito, é a graça da liberdade, uma vez dada por Jesus para a libertação do homem: do pecado, da morte, da injustiça, das paixões etc. Dessa forma, a graça sacramental atualiza este dom de liberdade para o homem e transforma-o em sinal concreto, existencial: “a libertação presente e atuante de Cristo, como ‘memória’ perene e provocadora, transforma-se assim para o cristão fiel em realidade própria e em tarefa comum, em graça e em compromisso”.<sup>36</sup>

O sacramento está revestido do mistério pascal de Jesus, assim como de uma realidade pneumatológica. Uma coisa implica na outra, é uma porque é outra. O Espírito é o próprio dom pascal escatológico de Cristo, seu oferecimento total. “Por isso, a atuação do Espírito no sacramento deve ser entendida como a imediaticidade mediada de Cristo, como a proximidade e o ‘lugar’ para o encontro e a experiência com o Senhor ressuscitado”.<sup>37</sup> Nesse sentido, Cristo não somente se revela pelo Espírito, mas sua forma de atuar é o Espírito. O Espírito do sacramento é o Espírito de Cristo.

A Igreja desde sempre acreditou que o Espírito, na sua ação peculiar, é origem, princípio e finalizador, causa de eficácia e princípio de transformação, doador e dom do sacramento. A epiclesse traduz este qualificativo do Espírito, como dom de Deus para a celebração do mistério pascal de Cristo. Na Igreja, os sacramentos são autodoação da graça de Deus para a comunidade de fé. Nela, os sacramentos são celebrados por excelência e, com isso, o dom de salvação para a humanidade. Ao celebrar o dom de salvação, pelo sacramento, a Igreja se santifica, assim como se torna dom de salvação para o homem. É, pois, a ação litúrgico-sacramental, o ato solene de vivência e celebração da ação salvadora de Deus, por Cristo, no Espírito. Portanto, na celebração litúrgica Jesus “realiza no meio de nós

<sup>36</sup> BOROPIO, Dionisio. *A Celebração da Igreja – Liturgia e Sacramentologia Fundamental* (I), p. 393.

<sup>37</sup> BOROPIO, Dionisio. *A Celebração da Igreja – Liturgia e Sacramentologia Fundamental* (I), p. 394.

sua obra de redenção, proclama para nós o reino, manifesta o Pai, morre e ressuscita para uma nova vida; e nós, participando daquilo que o Cristo fez, somos realmente participantes da salvação”.<sup>38</sup>

Jesus está presente em toda ação litúrgico-sacramental realizada pela Igreja, a fim de santificar e de salvar o homem. Assim ele se revela no sacrifício da missa, nos sacramentos, na sua palavra, na salmodia. Nesta ação celebrativa, em que Deus é glorificado e o homem santificado, “Cristo sempre associa a si a Igreja, sua amadíssima esposa, que invoca seu Senhor, e por ele presta culto ao eterno Pai”.<sup>39</sup>

#### **4. EM BUSCA DE COMPREENDER A AMPLITUDE DA AÇÃO SALVADORA DE DEUS**

O Concílio Vaticano II aventurou-se refletir a questão soteriológica e sua amplitude, além do recinto Católico. Alguns avanços foram notificados, embora mantida sua teologia eclesiológica fundamental. Segundo a *Lumen Gentium* a Igreja de Cristo reside na Igreja Católica.<sup>40</sup> No entanto, ainda que mantenha visível a Igreja de Cristo, reconhece que não esgota o seu mistério. Por isso, reconhece a ação salvadora de Deus em outras Igrejas cristãs. Ação esta que roga pela constituição de um só rebanho sob um único pastor. Os não cristãos, por diversos modos, estão ordenados ao Povo de Deus. Pois eles, mesmo ao ignorarem o Evangelho de Cristo e sua Igreja (mas praticam uma reta ação, por buscarem a verdade no interior do próprio coração) estão aptos a salvação de Cristo.<sup>41</sup> É por isso que o Concílio Vaticano II foi considerado como o Concílio do otimismo soteriológico.<sup>42</sup>

---

<sup>38</sup> LUTZ, Gregório. *Liturgia: a família de Deus em festa*. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 22. “O mistério da liturgia é o mistério pascal de Jesus, em toda a sua densidade e extensão, atuando no rito litúrgico, na celebração memorial, principalmente na celebração eucarística. É o mistério da fé presente na e pela ação ritual que inclui: 1) a narrativa e interpretação dos fatos (liturgia da Palavra); 2) ações simbólicas relacionadas com esses fatos, num clima de gratidão e louvor a Deus (liturgia sacramental)”. BUYST, Ione. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 83.

<sup>39</sup> *Sacrosanctum Concilium*, n. 7.

<sup>40</sup> Cf. *Lumen Gentium*, n. 8.

<sup>41</sup> Cf. *Ibid.*, n. 15-16.

<sup>42</sup> Cf. MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*, p. 202.

Nesta mesma perspectiva, a *Gaudium et spes* afirma, mais explicitamente, ser Cristo o centro e realização de toda existência humana. Porém, a ação salvadora de Deus não está limitada aos cristãos, mas destina-se a todo homem de boa vontade, pois o Espírito Santo possibilita que todos participem do mistério pascal de Cristo.<sup>43</sup> O Concílio, então, procura abrir-se para com as demais tradições religiosas, por reconhecer: seus elementos bons e verdadeiros;<sup>44</sup> verdade e graça; ritos e culturas; as riquezas do Verbo ocultas;<sup>45</sup> a verdade iluminadora.<sup>46</sup>

A declaração *Nostra aetate* reconhece que as várias religiões, procuradas pelos homens, auxiliam nos seus enigmas que tocam a condição humana. E de nenhuma maneira, a religião católica rejeita os valores que essas religiões apresentam, mesmo não comungando das suas verdades.<sup>47</sup> Na *Redemptor hominis*, João Paulo II reconhece a ação do Espírito Santo nas outras religiões;<sup>48</sup> na *Dominum et vivificantem*, a ação do Espírito além do cristianismo;<sup>49</sup> na *Redemptoris missio*, a ação do Espírito além dos indivíduos: nas sociedades, culturas e religiões.<sup>50</sup> Toda esta tentativa é reconhecer a ação do Espírito além da realidade eclesiológica e, com isso, afirmar sua gratuidade e, ao mesmo tempo, sua inesgotável verdade e ação.<sup>51</sup>

Pois, “se a salvação do homem é Deus, todo anseio de salvação se dirige, em última instância, a Deus. Independentemente das denominações que possam receber em outras religiões”.<sup>52</sup> Neste sentido, pessoas que

<sup>43</sup> Cf. *Gaudium et Spes*, n. 22.

<sup>44</sup> Cf. *Lumen Gentium*, n. 8.

<sup>45</sup> Cf. *Ad gentes*, n. 9-11.

<sup>46</sup> Cf. PAULO VI. *Nostra Aetate*. Declaração sobre a relação da Igreja com as religiões não cristãs (28.10.1965). In: Vaticano II: Mensagens, discursos, Documentos. São Paulo: Paulinas, 1998, n. 2.

<sup>47</sup> Cf. *Nostra Aetate*, n. 1-2.

<sup>48</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *Redemptor hominis*. Carta encíclica (04.03.1979), n. 6. Disponível em: <<http://www.ansiao.net/red-hominis.html>>. Acesso em: 20/09/2010.

<sup>49</sup> Cf. Id. *Dominum et vivificantem*. Carta encíclica sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo (18.05.1986), n. 28. Disponível em: <http://www.ansiao.net/red-hominis.html>. Acesso em: 20/09/2010.

<sup>50</sup> Cf. Id. *Redemptoris missio*. Carta encíclica sobre a Validade permanente do Mandado Missionário (07.12.1990), n. 28. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/index.htm](http://www.vatican.va/holy_father/index.htm)>. Acesso em: 20/09/2010.

<sup>51</sup> Cf. MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*, p. 203-204.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 207.

aderem a outras religiões podem, com propriedade, atingir a felicidade em Deus e usufruir do amor que dele emana. Não há, pois, como restringir a ação salvadora de Deus, em Cristo, pelo Espírito. Ao contrário, os vários contextos, sociedades, religiões, postulados éticos, podem ser lugares da ação do Espírito. Por isso, há variadas formas de entender e reconhecer a atitude fundamental de Cristo e sua implicância.

Para os cristãos, esta atitude é o amor (ágape). Ele conduz o homem a Deus e ao próximo. Por sua vez, o amor, que é dom do Espírito, somente é vivenciado num contexto histórico-social-religioso. Ele não é ato concreto, mas motivador. Ora, este amor, para os cristãos, consiste na prática do bem, porque exala sua fonte: o Espírito. Assim, toda ação proveniente da prática do bem é via de salvação. E como esta prática acontece nos seus respectivos contextos, há de assegurar sua ampla diversidade. Portanto, “podemos dizer que a diversidade das concretizações da mesma atitude fundamental cristã não constitui obstáculo à afirmação da ação universal do Espírito de Cristo”.<sup>53</sup>

Esta nova concepção de uma teologia soteriológica, fundamentalmente concebida pelo Concílio Vaticano II, tem implicação direta na atividade missionária (tradicional) da Igreja. Se antes a Igreja falava da novidade da salvação, desconhecida pelos povos, assim como da ausência dela nesses povos, agora, “a atuação do Espírito precede sempre a chegada dos missionários. Eles não anunciam algo totalmente novo, e sim uma salvação que não lhes é completamente estranha, por já tê-la experimentado”.<sup>54</sup> Não obstante, “a salvação cristã só consegue chegar a sua plena realização e verdade quando se manifesta como salvação de Jesus Cristo, vivida e testemunhada na Igreja e expressa nos sacramentos”.<sup>55</sup>

Não há dúvida de que a discussão sobre a ação salvadora de Deus, por constituir o cerne de toda religião (embora às vezes com outra linguagem), compõe um instrumento sadio e necessário de comunhão entre as mais variadas Igrejas cristãs e não cristãs. Acende aqui o desejo pelo ecumenismo e

---

<sup>53</sup> MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*, p. 207. Karl Rahner chamou de “cristão anônimo” aquele que vive sem aderir à fé cristã ou sem reconhecer tal fé, mas que vive segundo a atitude fundamental cristã. Atitude fundamental porque constituída na vida, e não pela profissão de fé declarada.

<sup>54</sup> MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*, p. 211.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 211.

pelo diálogo inter-religioso. Como reza a *Lumen Gentium*, a Igreja está unida a todos os batizados, mesmo com aqueles que não professam integralmente a fé católica; aos não cristãos, reconhece a graça da salvação para aqueles que reconhecem Deus como criador ou para aqueles que não reconhecem a verdade Deus. Pois a salvação é um dom para todos.<sup>56</sup>

O ponto de partida para o ecumenismo pode estar fundado na “consciência daquilo que nos une para ir lentamente lançando pontes sobre o que nos separa”.<sup>57</sup> Ora, a discussão sobre a ação salvadora de Deus é, talvez, o que mais de comum existe entre as religiões cristãs, pois a crença no Deus salvador une os vários tratados teológicos e doutrinas das Igrejas cristãs. O diálogo inter-religioso pode brotar da autoconsciência da Igreja e, com isso, da purificação e universalização do seu pensamento, ao aceitar a pluralidade do mundo histórico. As religiões, sustentadas pelo seu conteúdo de fé e moral, podem contribuir, e muito, para um mundo de paz, justiça, fraternidade, gratidão e amor entre os homens. “Neste sentido, o diálogo inter-religioso faz parte do diálogo salvífico iniciado por Deus”.<sup>58</sup>

## CONCLUSÃO

Muitos aspectos foram abordados neste artigo que certamente será difícil esgotar todos os leques de possibilidades para o enriquecimento da alma humana. Isto porque a presente pesquisa faz suscitar a ação salvadora de Jesus na Igreja, que conta com a força propulsora do espírito. A força do espírito está na base dos três aspectos principais acima desenvolvidos: a) o espírito que sustenta a Igreja e sua missão; b) o espírito na construção de uma Igreja-sacramento; c) o espírito na vivência litúrgico-sacramental; d) o espírito na amplitude da salvação.

O primeiro aspecto é o espírito que leva sobre si a sustentação dos primeiros cristãos, suscitando estímulo para o crescimento da Igreja nascente. A contínua presença do espírito é garantida por meio da oração, da comunhão entre os cristãos e do desapego dos bens. A Igreja cresce e é regida pela dinâmica do espírito. A sua vida é vida no espírito, força que irradia

---

<sup>56</sup> Cf. *Lumen Gentium*, n. 15-16.

<sup>57</sup> LIBANIO, João Batista. *Eu creio, nós cremos – Tratado da Fé*, p. 157.

<sup>58</sup> MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*, p. 211.



a salvação, princípio de amor e unidade entre os homens e com Deus. O espírito, portanto, é o sustentáculo da Igreja e sua missão de levar o amor de Deus aos homens, pois somente Ele, por meio de Cristo, na ação do espírito, é fonte salvadora do homem.

O segundo aspecto implica o espírito enquanto força de sustentação da realidade sacramental que é a Igreja de Cristo. Tudo que nela acontece e existe vem primeiro do testemunho do Filho, Jesus Cristo. A Igreja é sacramento do Cristo que, unido com o Pai, no espírito, forma uma visível sociedade histórica, organizada e, pela força do espírito, transcende sua própria condição histórica para alcançar a glória do Cristo, em Deus.

O terceiro aspecto é a força do espírito que faz a graça sacramental de Deus continuar a salvação do seu povo. A Igreja, na prática sacramental tem a força do espírito para atualizar o dom da salvação, em Jesus Cristo. Essa prática sacramental é litúrgica e por isso torna-se a celebração da vida, da liberdade e do amor. Portanto, na atuação do sacramento, o espírito é princípio transformador que, mediado por Jesus, nos eleva à altura de um sacramento, no encontro definitivo com o Cristo Ressuscitado.

Finalmente, o quarto aspecto mostra a força do espírito na ação salvadora de Deus, fazendo-a ultrapassar o âmbito exclusivo dos cristãos para ser alcançada por todos os homens de boa vontade, dando-lhes acesso à participação do mistério pascal de Cristo. A grandeza da ação do espírito é reconhecida nas diversas religiões, ela vai além dos indivíduos, das sociedades, culturas e religiões. Tudo isso é possível porque ela é fonte inesgotável de verdade, vida e ação. O espírito além de força criadora, ele é dom de amor capaz de assegurar a amplitude da prática do bem, na diversidade das concretizações humanas.

## **BIBLIOGRAFIA**

BOROBIO, Dionisio (Org.). *A Celebração na Igreja – Liturgia e sacramentologia fundamental*. V I. (Trad.) Adail U. Sobral. São Paulo: Loyola, 1990.

\_\_\_\_\_. *A Celebração na Igreja – Liturgia e sacramentologia fundamental*. V II. (Trad.) Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1993.

BUYST, Ione. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CODA, Piero. *O Espírito Santo e o Mistério da Igreja*. In *A Igreja no seu mistério*. (Trad.) Olivo Cesca. São Paulo: Cidade Nova, 1984.

CROATTO, José Severino. *História da salvação: a experiência religiosa do povo de Deus*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1968.

JOÃO PAULO II. *Redemptor hominis*. Carta encíclica (04.03.1979), n. 6. Disponível em: <<http://www.ansiao.net/red-hominis.html>>. Acesso em: 20/09/2010.

\_\_\_\_\_. *Dominum et vivificantem*. Carta encíclica sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo (18.05.1986), n. 28. Disponível em: <http://www.ansiao.net/red-hominis.html>. Acesso em: 20/09/2010.

\_\_\_\_\_. *Redemptoris missio*. Carta encíclica sobre a Validade permanente do Mandado Missionário (07.12.1990), n. 28. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/index.htm](http://www.vatican.va/holy_father/index.htm)>. Acesso em: 20/09/ 2010.

JUNIOR, Joviano de Lima. *Celebrar com o coração e a vida: a liturgia do povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1984.

KLOPPENBURG, Boaventura. *A Eclesiologia do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1971.

LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II – em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo; Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Eu creio, nós cremos – Tratado da Fé*. São Paulo: Loyola, 2000.

LUTZ, Gregório. *Liturgia: a família de Deus em festa*. São Paulo: Paulinas, 1978.

MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. São Paulo: Loyola, 2004.

PAULO VI. *Lumen Gentium*. Constituição Dogmática sobre a Igreja (21.11.1964). In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. *Ad gentes. Decreto sobre a atividade missionária da Igreja* (07.12.1965). In: Vaticano II: Mensagens, discursos, Documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.

\_\_\_\_\_. *Gaudium et Spes. Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje* (07.09.1965). In: Vaticano II: Mensagens, discursos, Documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.

\_\_\_\_\_. *Nostra Aetate*. Declaração sobre a relação da Igreja com as religiões não cristãs (28.10.1965). In: Vaticano II: Mensagens, discursos, Documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.

\_\_\_\_\_. *Sacrosanctum Concilium*. Constituição Dogmática sobre a Sagrada Liturgia (04.12.1963). In *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de dogmática*. Vol. I. (Trad.) Ilson Kayser (*et alli*). Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Manual de dogmática*. Vol. II. (Trad.) Ilson Kayser (*et alli*). Petrópolis: Vozes, 2008.